

Performance Revitalize:

Um diálogo com a poética da artista Laura Miranda, no âmbito do Evento Escultura Pública de 1992

Elen Patricia de Oliveira¹

Juliane de Oliveira²

Resumo: O evento Escultura Pública foi um marco para os artistas paranaenses da época e para a sociedade devido desde ao seu revolucionário discurso na concepção do projeto, até as polêmicas geradas a partir da violenta retirada das obras pelo prefeito da época. A única obra que restou foi a proposta de Laura Miranda, instalada na Rua XV de Novembro, no centro da cidade de Curitiba, objeto da performance Revitalize. O presente artigo tem o objetivo de estabelecer uma relação entre a proposta da referida performance em diálogo com a proposta poética da artista Laura Miranda, no âmbito do evento Escultura Pública, de 1992. Esta ação urbana chamou a atenção dos habitantes da cidade para as relações fenomenológicas, sociais e políticas mobilizadas pelo trabalho de Laura Miranda, especialmente, no que se refere ao debate sobre arte pública.

Palavras-chave: Performance Revitalize, Laura Miranda, Evento Escultura Pública.

Performance Revitalize:

A dialogue with the poetry of the artist Laura Miranda, within the scope of Escultura Pública Event in 1992

Abstract: The Escultura Pública event was a milestone for the artists of Paraná at the time and for society due to its revolutionary discourse in the design of the project, even the controversies generated from the violent withdrawal of works by the mayor of the time. The only work that remained was the proposal by Laura Miranda, installed at Rua XV de Novembro, in the center of the city of Curitiba, object of performance Revitalize. This article aims to establish a relationship between the proposal of the referred performance in dialogue with the poetic proposal of the artist Laura Miranda, within the scope of the Escultura Pública event, in 1992. This urban action drew the attention of the inhabitants of the city to the phenomenological, social and political relations mobilized by Laura Miranda's work, especially with regard to the debate on public art.

Keywords: Performance Revitalize, Laura Miranda, Escultura Pública Event.

¹ Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná, Especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual. E-mail: elen.patricia91@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Bacharel em Administração de Empresas pelas Faculdades SPEI. E-mail: juh_oliver87@hotmail.com

Introdução

O olhar cotidiano dos habitantes da capital do Paraná, em parte, não se lança à observação dos detalhes da cidade e à percepção de relações que o tempo acaba encobrindo. Muitos destes detalhes – organizacionais, estruturais, administrativos, urbanísticos, arquitetônicos, relacionais, entre outros – passam despercebidos, fazendo com que importantes camadas do contexto histórico, geográfico e de sentido sejam perdidas.

A ideia do invisível, daquilo que passa pelos olhos todos os dias sem ser notado, provocou a realização da performance Revitalize, cujo objeto é uma obra de arte que sobreviveu no espaço público através do tempo, porém, esquecida pela população e gestão pública da cidade onde foi instalada.

O presente estudo tem por objetivo estabelecer uma relação entre a proposta de performance Revitalize realizada no centro da cidade de Curitiba, em janeiro de 2017, em diálogo com a proposta poética da artista Laura Miranda, no âmbito do evento Escultura Pública, de 1992.

Para isso, traz num primeiro momento os acontecimentos durante e pós-evento Escultura Pública, na cidade de Curitiba, e seu contexto histórico. Na sequência aborda, brevemente, a biografia da artista paranaense Laura Miranda e sua poética, mediante informações concedidas por ela durante entrevista, e enfatiza sua escultura da rua XV de Novembro, única obra que restou do referido evento.

Por fim, relata-se a performance, sua execução, assim como escolhas, tempo e horário, roupa e, principalmente, o sentimento que foi desenvolvido ao longo da sua realização e as motivações que levaram a estabelecer um diálogo com a obra de Laura Miranda.

Evento Escultura Pública – Curitiba, 1992

A cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, foi fundada no dia 29 de março de 1693. Sua atividade econômica começou com a mineração, passando pela pecuária e plantação de erva-mate, chegando às atividades comerciais. Premiada por sua gestão urbana, meio ambiente e transporte coletivo³, em décadas recentes, a cidade passou por uma acelerada mudança urbana. A evolução urbanística trouxe consigo várias homenagens em diferentes gestões, que impactaram o espaço público. Vários monumentos públicos, encontrados especialmente nas praças da capital, surgiram em comemorações como, por exemplo, o Centenário da Independência do Brasil. Muitos desses monumentos foram usados como símbolos de poder. “Nesse sentido, a ‘questão urbana’ emerge como uma transformação da ‘questão social’”⁴.

3 PERFIL de Curitiba. Portal da prefeitura de Curitiba. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>. Acesso em: 10 set. 2020.

4 RIBEIRO, L. C. Q.; CARDOSO, A. L. Da cidade a nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In RIBEIRO, L. C. Q.; PERCHMAN, R. (orgs). Cidade, povo e nação: Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.

Em 1991, um grupo de artistas se reuniu para discutir questões relacionadas à tridimensionalidade, à linguagem da escultura, e chegaram à conclusão de que isso era um problema em Curitiba. A crítica, professora e historiadora da arte Adalice Araújo, em suas publicações periódicas, no Caderno Cultura G, mencionou um “kitsch de sapos e outras quinquilharias de gesso, bem como, materiais pré-fabricados misturados a esculturas acadêmicas – remanescentes da adulteração imposta à cidade pela Prefeitura Municipal de Curitiba em meados dos anos cinquenta”⁵. Assim, o grupo, constituído por artistas visuais e pelo galerista Marco Melo, à frente da galeria Casa da Imagem, concebeu o evento Escultura Pública, que foi realizado em 1992. Em plena época de recessão, o grupo contou com apoio do então prefeito Jaime Lerner e de diversas empresas que patrocinaram o projeto.

O grupo formado contou com a participação dos artistas visuais David Zugman, Denise Bandeira, Eliane Prolik, Laura Miranda, Rossana Guimarães e Yftah Peled. Suas metas eram: propor a instalação de esculturas diferentes do que havia, em espaços públicos de Curitiba; modificar o olhar do público para manifestações artísticas contemporâneas; promover o debate sobre monumentos públicos, sua pertinência e importância no espaço coletivo⁶.

Entre as propostas, havia instalações em parques, *site-specifics*⁷, linhas férreas e ruas. No total foram espalhadas oito obras pela cidade, quase todas concentradas na região central. Duas delas pertenciam à artista plástica Eliane Prolik, ‘Canto 1’ e ‘Canto 2’. Segundo a artista, as obras foram instaladas em espaços irregulares e sem qualquer memória, concebidas como crítica à invasão da prefeitura, na época em que estavam implementando a instalação dos tubos dos ônibus ligeirinhos. A instalação de David Zugman era formada por sete esculturas de placas de amianto, fixadas no Parque Papa João Paulo II, no bairro Centro Cívico, Curitiba. Denise Bandeira apresentou seu *site-specific*, ‘A cortina’, instalado na Praça do Soroptimismo, no bairro Hugo Lange, em Curitiba. Com caráter efêmero, malhas em ferro enferrujado criam uma cortina em meio à via rápida. E juntou-se a Laura Miranda na concepção e execução da escultura o ‘Olho d’água’, instalada no lago do Parque Bacacheri⁸.

Laura instalou peças de vidro fundido na Rua XV de Novembro, que se configuram como uma espécie de tapete, relacionando-se ao fluxo de pessoas que transitam pelo local (Imagem 1), e todas as peças foram feitas com texturas, para evitar a queda dos transeuntes. No Parque Barigui, Rossana Guimarães instalou um coração de dois metros e trinta centímetros de altura, com rosas trepadeiras em seu interior. Por fim, Yftah Peled realizou uma performance, usando

5 ARAÚJO, A. Revolucionário projeto de escultura pública desafia a crise. Cultura G. O Estado do Paraná. Curitiba, p. 7, 1992.

6 ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR. UFPR: Curitiba, 2012.

7 Obra de arte criada para determinado espaço ou ambiente. Em geral são trabalhos que dialogam com o ambiente instalado e remetem à arte pública, em alguns casos, modificando ou restaurando o lugar - *SITE specific*. Enciclopédia Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>>. Acesso em: 10 set. 2020.

8 ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR. UFPR: Curitiba, 2012.

oito placas de madeira pintada e material orgânico, na Praça Garibaldi, gerando uma discussão a partir da escultura social de Joseph Beuys⁹.

Imagem 1 – Obra “Vidros fundidos” de Laura Miranda



Fonte: Acervo das autoras (2017).

Alguns meses após a instalação das obras do projeto Escultura Pública, um trágico acidente de trânsito resultou na morte de um catador de papel: um caminhão desgovernado atingiu a obra de Eliane Prolik, localizada próxima ao Passeio Público, esmagando-a, juntamente com o catador. Após isso, o então prefeito da cidade, Rafael Greca, determinou que todas as outras obras do evento Escultura Pública fossem retiradas dos espaços públicos, sem contar com a permissão dos artistas. “O que a gente ficou um pouco espantado é com a violência. Se a violência do trânsito é inaceitável, a violência contra a cultura é irreparável sempre”¹⁰. Uma carta foi enviada pelo grupo, ao prefeito, pedindo esclarecimentos sobre sua atitude. “Em síntese, o projeto foi formulado visando contribuir para a instituição de novas vivências e sensibilidades. As esculturas instaladas na cidade, cada uma delas, em sua poética, discutem esta questão”¹¹.

A primeira escultura a ser retirada do seu local foi a escultura de Eliane Prolik, mas sem planejamento; a máquina muque que estava retirando a obra do lugar quebrou com o peso da peça, não levando-a de imediato. Assim que souberam do ocorrido, todos os envolvidos do

9 Idem.

10 ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR. UFPR: Curitiba, 2012.

11 AO EXMO Prefeito Municipal de Curitiba. ZUGMAN, David; BANDEIRA, Denise; PROLIK, Eliane; PELLED, Ifrah; MIRANDA, Laura; MELLO, Marco A. Silveira; GUIMARÃES, Rossana. Carta ao prefeito. Curitiba, 1993.

evento foram até o local verificar o que tinha acontecido e, como forma de protesto, colocaram-se em volta da escultura, obtendo visibilidade nas mídias. Agnaldo Farias, na época, diretor do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC - SP), veio até a cidade de Curitiba e disse que “se Curitiba não queria a escultura, o Mac iria querer”, e assim o fez. Hoje, a obra de Eliane Prolík encontra-se no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo¹².

Logo após o ocorrido, todos foram chamados ao gabinete da prefeitura, onde se discutiu a possibilidade de permanência das obras no espaço público. Naquele momento, foi acordado que as obras permaneceriam no tempo concebido para o evento, sob condição de os artistas não irem até o programa matinal da Globo, Bom Dia Brasil, para o qual haviam sido chamados. Mas, na noite do mesmo dia, a obra foi retirada do seu local e colocada na calçada do Museu Municipal de Arte (MuMA), já danificada pela remoção e, graças ao local escolhido para recebê-la, com potencial risco de novo acidente, já que abaixo estava localizado o anfiteatro do Centro Cultural e a obra de aço pesava três toneladas¹³.

Com a falta de cumprimento do acordo, Marco Mello deu uma entrevista ao programa de TV já mencionado, em que fez a declaração sobre o ocorrido. Após isso, algumas pessoas se voltaram contra o prefeito, o que acarretou a sua completa intolerância ao evento Escultura Pública. Como forma de apaziguar os ânimos e se redimir pela retirada das esculturas, Greca resolveu espalhar diversas obras tridimensionais pela cidade, de outros autores, muitas delas sem apresentar relação com o contexto onde foram instaladas; outras totalmente anacrônicas, considerando-se a contemporaneidade das obras concebidas para o evento Escultura Pública¹⁴.

Em meio às esculturas que provam o poder político na cidade de Curitiba estão, por exemplo, a Pietá, localizada no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, e a Fonte da Memória, conhecida também como “Cavalo Babão”, localizada no Largo da Ordem.

A proposta de Laura Miranda é a única que restou, em meios às outras propostas instaladas no âmbito do evento Escultura Pública. Passados 25 anos desde a instalação da obra, os habitantes que a percebem ficam sem saber do que se trata, enquanto outros nem a notam, ainda que a pisem.

Laura Miranda

Laura Steff Miranda nasceu em Curitiba, em 1958. Iniciou seus estudos na Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP, em 1978, e, em 1980, fez dança contemporânea no Studio Rita Pavão. Em 1981, foi premiada no 25º Salão de Artes Plásticas e se formou em bacharelado em pintura pela EMBAP. Em 1992, participou como organizadora do projeto

12 ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR. UFPR: Curitiba, 2012.

13 ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR. UFPR: Curitiba, 2012.

14 Idem.

Escultura Pública. Esse projeto foi concebido e proposto com o objetivo de se instalar vários objetos tridimensionais e criar situações, em espaços públicos na cidade de Curitiba. Outra vertente do projeto se referiu à realização de debates sobre esculturas e espaço urbano.¹⁵

A poética da artista é fundamentada em suas experiências na dança, em conjunto com estudos e experimentos ligados à respiração. Influenciada pelo Neoconcretismo, Laura tem como principal referência a artista carioca Lygia Clark. Essa influência poética transitou por diferentes linguagens e meios, de pinturas e esculturas a sessões de terapia com objetos relacionais. Na trajetória artística de Laura Miranda, é possível se perceber a relação com o Neoconcretismo e, especialmente, com as pesquisas e caminhos seguidos por Lygia Clark, no que se refere ao corpo¹⁶.

O trabalho que Laura realizou na Rua XV de Novembro, no centro de Curitiba, em 1992, consistiu na instalação de 480 peças de vidro fundido, em uma faixa da calçada, onde o calçamento de petit-pavé da rua foi retirado para a instalação da proposta da artista. O trabalho está localizado em frente a um café, onde, na época, muitos artistas se reuniam para conversar. Assim, o trabalho serviu também como ponto de encontro. “A apropriação desse espaço de grande fluxo coletivo traz em si uma intenção performática que age como um motivo contínuo”¹⁷. Segundo Laura, “o gesto cotidiano adquire dimensão criativa diante do objeto (cenográfico) resgatando a poética do sonho, do encantamento, trazendo à tona o instante e a imaterialidade da arte”¹⁸.

Sua obra mobiliza a delicadeza do vidro, articulada aos movimentos da respiração, em contraste à calçada de petit-pavé que a circunda. Esse material se desgasta com o tempo, com a fricção do cotidiano, fazendo com que, ao caminhar em cima da faixa, o habitante leve consigo um pouco da obra e, em contrapartida, o trabalho vá se apropriando e se impregnando de diferentes elementos da cidade. “A dimensão teórica implica que a obra possui um sentido além do que vemos”¹⁹. Essa obra sobrevive, na contemporaneidade, sem nunca ter sido restaurada ou sofrido qualquer manutenção. Ela parece mesmo ser invisível, para muitos habitantes e, também, para o poder público.

Performance Revitalize e seu diálogo com a poética de Laura Miranda

Tendo como um de seus ancestrais as noitadas futuristas e o teatro Dadá, a linguagem performance nasceu entre os happenings de 1960 e a arte conceitual de 1970. O artista de

15 Informações concedidas mediante entrevista realizada pela autora à artista Laura Miranda em 2016, ao decorrer da pesquisa para desenvolvimento da performance Revitalize, na disciplina de Projetos Avançados: Espaço, Tempo e Forma, sob orientação da Prof^a Dra Tânia Bloomfield, no curso de Artes Visuais - Universidade Federal do Paraná.

16 Informações concedidas mediante entrevista com a própria artista, Laura Miranda, em 2016.

17 ARAÚJO, A. Revolucionário projeto de escultura pública desafia a crise. *Cultura G. O estado do Paraná*. Curitiba, pág 7, 1992.

18 Transcrição da fala de Laura Miranda mediante entrevista concedida pela artista, em 2016.

19 REY, S. Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. *O Meio como Ponto Zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, pág 129, 2002.

performance em geral é um artista plástico ou visual, que realiza movimentos e ações para um público presente ou remoto, por meio de vídeo, por exemplo, variando a duração de minutos a horas, o que pode acontecer em um único dia, ou se repetir, várias vezes. Flávio de Carvalho foi o iniciador da performance no Brasil, em 1931. A partir daí, Artur Barrio, Marcello Nistche, entre outros, deram sequência a essa linguagem²⁰.

Com a intenção de realizar uma restauração vital e uma manutenção promovida por movimentos respiratórios, o projeto Revitalize constituiu-se por uma performance, uma ação urbana, realizada em 20 de janeiro de 2017, em que o corpo da performer e a pele da obra, em algum grau, e por um determinado tempo, se tocaram, se fundiram. A ação urbana foi anunciada por meio de um convite eletrônico (Imagem 2).

Imagem 2 – Convite eletrônico



Fonte: Acervo das autoras (2017).

²⁰ COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte no Brasil 1950-2000: Movimentos e Meios. São Paulo: Alameda, 2004.

Realizada com uma vestimenta Zentai, Revitalize foi desenvolvida com movimentos orgânicos, internos e externos. Ao fazê-la, a performer retira as impurezas dos módulos de vidro, ao mesmo tempo que pretende restituir o sopro vital que os constitui originariamente (Imagem 3).

Imagem 3 – Performance Revitalize 1



Fonte: Acervo das autoras (2017).

O local foi delimitado por uma faixa vermelha, em todo o seu perímetro, no sentido de destacar o trabalho da artista Laura Miranda, no contexto em que se insere, e retomar os acontecimentos históricos ocorridos, em 1992 (Imagem 4).

Imagem 4 – Performance Revitalize 2



Fonte: Acervo das autoras (2017).

Os movimentos do corpo da performer, limpando e se misturando à obra, foram concebidos para realizar a retirada de camadas de material e sujeira, há anos impregnados à superfície dos vidros. Mas também serviram, do ponto de vista simbólico, para resgatar as inquietações de caráter fenomenológico e político, de Laura Miranda, naquele evento, nos anos de 1990 (Imagem 5 e 6).

Imagem 5 – Performance Revitalize 3



Fonte: Acervo das autoras (2017).

Imagem 6 – Performance Revitalize 4



Fonte: Acervo das autoras (2017).

Desta forma, o trabalho da artista foi, em algum grau, retornando ao seu estado original, ou, pelo menos, ao estado mais próximo do original que se conseguiu obter. Para alguns transeuntes que passavam, naquele momento da performance, e para outros que terão conhecimento da ação Revitalize, por meio da internet, o caminho de vidros de Laura Miranda não será mais invisível.

Uma das principais motivações da performance Revitalize, desde sua concepção, foi lançar um olhar cauteloso e detalhista para o espaço público do centro da cidade e, também, provocar no outro o mesmo estado de atenção ao entorno. Curitiba, à semelhança de outras metrópoles, conta com monumentos públicos, praças e diversos equipamentos urbanos, e por sua principal rua, a XV de Novembro, os habitantes transitam entre diferentes estímulos e marcos históricos.

Muito movimentada, a rua conta com diversos centros comerciais, onde milhares de pessoas trabalham e consomem diariamente. Existem vários pontos de encontro, bancos e árvores. Sem a passagem dos carros pelo calçadão, fato que transformou a rua nos anos de 1970, os pedestres têm maior segurança ao caminhar por ela. Existem condições de mobilidade para aqueles que têm necessidades especiais, como cadeirantes e deficientes visuais; lá, coexistem artistas de rua e vendedores ambulantes²¹.

21 PERFIL de Curitiba. Portal da prefeitura de Curitiba. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>. Acesso em: 10 set. 2020.

Assoberbadas por sua rotina, muitas pessoas passam pela rua, de forma desatenta, e mal notam seus detalhes; o invisível predomina no caminho dos transeuntes. O século XIX já havia sentido o impacto da acelerada urbanização e do fenômeno das multidões, nos desdobramentos da modernidade estampada na Revolução Industrial. Um dos pensadores mais proeminentes daquele século notou algumas consequências nefastas desse “progresso”.

[...] centenas de milhares de pessoas de todas as classes e estamentos [...] passam umas pelas outras como se não tivessem nada em comum e sem que ninguém considere os outros dignos de um olhar sequer; prevalecem a indiferença brutal, o egoísmo torpe, o isolamento insensível de cada um nos seus interesses privados; a humanidade se dissolve em “mônadas” ou “átomos”²².

Em meio a esses acontecimentos e às articulações conceituais, teóricas e poéticas, o projeto Revitalize, em 2017, começou a voltar-se para outras questões, que não só àquelas que se referem ao regime do invisível, nos espaços públicos, mas para aquelas que envolvem o patrimônio cultural da cidade. O projeto ganhou uma nova dimensão, política, em duas vertentes possíveis: de um lado, como forma de homenagem e resgate histórico de propostas artísticas e posicionamentos políticos que foram manifestados há mais de duas décadas; de outro, a tentativa de promover o conhecimento e os questionamentos sobre o que habita a cidade, quem tem o poder de cancelar a arte pública, o que deve permanecer e o que deve deixar de existir no espaço público.

Após a performance, pode-se afirmar que a obra de Laura não consiste apenas de uma simples faixa de vidros incrustada no chão, mas, sim, de um trabalho permeado por diferentes camadas de sentido. Que respira e inspira.

Considerações finais

Uma relação entre o trabalho de Laura Miranda e a performance Revitalize foi estabelecida. Ao realizá-la, retomou-se aos acontecimentos do evento Escultura Pública e os impactos que esse gerou para sociedade. Foi possível corroborar que o espaço da cidade é tomado por diferentes formas de poder e que na maioria das vezes ele é utilizado para se confirmar o poder político.

Ao executar a proposta Revitalize, movida pelo trabalho da artista Laura Miranda, no âmbito do evento Escultura Pública, por um momento, houve medo, medo de que algum órgão público retirasse a obra de Laura dali e medo de que, mais uma vez, a obra, que estava sendo ativada, “revitalizada”, fosse esquecida novamente pelo governo e pela população.

22 ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. Band 2. Berlim: Dietz, 1972, p. 257.

Apesar disso, ao realizar essa ação urbana, chamou-se a atenção dos habitantes para as relações fenomenológicas, sociais e políticas mobilizadas pelo trabalho de Laura Miranda, especialmente, no que se refere ao debate sobre arte pública.

E embora atingido o objetivo de pesquisa, novas possibilidades de estudos surgiram. Duas vertentes ao longo do percurso foram criadas, uma de caráter político, retornando a discussão sobre arte pública, na esteira dos debates do “Escultura Pública”, buscando compreender como se dá o jogo de poder entre instituições, artistas e público, em se tratando de arte pública. Outra, refere-se ao estudo do corpo, um aperfeiçoamento necessário sobre o corpo vibrátil, educação somática e a categoria do invisível. Ambos merecem aprofundamento e esforço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. Revolucionário projeto de escultura pública desafia a crise. **O Estado do Paraná, Cultura G**. Curitiba, 1992.

COSTA, Cacilda Teixeira da. **Arte no Brasil 1950-2000: Movimentos e Meios**. São Paulo: Alameda, 2004.

ENGELS, F. **A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Band 2. Berlim, Dietz: 1972

ESCULTURA Pública, 1992. Mesa-redonda. DVD. Direção Luís Carlos dos Santos e Tânia Bloomfield. **Projetos de extensão Arte em Vídeo na UFPR e O Artista na UFPR**. UFPR: Curitiba, 2012.

PERFIL de Curitiba. **Portal da prefeitura de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>>. Acesso em: 10 set. 2020.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 123-140.

RIBEIRO, L. C. Q; CARDOSO, A. L. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In RIBEIRO, L. C. Q; PERCHMAN, R. (orgs.). **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1996.

SITE specific. **Enciclopédia Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>>. Acesso em: 10 set. 2020.

ZUGMAN, David; BANDEIRA, Denise; PROLIK, Eliane; PELLÉD, Iftah; MIRANDA, Laura; MELLO, Marco A. Silveira; GUIMARÃES, Rossana. [**Correspondência**]. Destinatário: Prefeito Municipal de Curitiba. Curitiba, 1993.

Recebido em: 16/09/2020
Aprovado em: 04/03/2020